

Estética

A finalidade social da arte no Pessoa pré-“Orfheu”

Fernando Alvarenga

De um manuscrito datado, segundo se julga, de 1907, chega-nos uma das mais antigas reflexões de Fernando Pessoa a respeito da arte e da sua finalidade social. Nesse texto se afirma que «a finalidade da arte não é agradar», pois que o «prazer» daí apenas constitui uma relativa mediação estética, ou seja, um «meio» através do qual encontra lugar e processo «a elevação do homem por meio da beleza» (1), tornando-se tal «elevação», neste caso, a finalidade da arte.

Mas repare-se que a arte é um «meio» através porém de um «meio» outro: a beleza. E que também, por outro lado, a beleza é um «meio» através igualmente de um «meio» outro: a arte. Razão por que o prazer de criar e/ou fruir conjunta ou separadamente a arte se estabelece de modo aglutinativo como um «meio», «meio» também, em suma, ao longo de cujos passos o homem evolui adquirindo, paulatinamente, uma socialidade esteticizante.

Assim, uma ideia de «arte útil» é o que, no fim de contas, se apresenta a encantar a tenra criatividade do jovem Pessoa. Até quando? Até pelo menos ao momento da elaboração, por 1914, de um apontamento em que a arte e a moral se articulam de tal modo que a «beleza» passa a ocupar a situação, já não de relativo «meio», como ali, mas de «fim» absoluto da arte (2). Adiante-se contudo que essa «beleza» constitui um muito frágil ou efêmero «fim». Com efeito, e como teremos ocasião de verificar (3), tal apontamento não pode ser tido senão como reflexão ocasional, até porque Pessoa logo volta à sua ideia primordial de «arte útil». Definitivamente? Sim, definitivamente. E o sublinhado afirmativo tenta sobretudo focar passos detentores de univocidades talvez menos acentuadas em que os «meios» e os «fins» da arte se articulem, uma vez em mistura, e outras, ou ao mesmo tempo, na situação de «permuta» ou de «excesso» posicional. De facto, em História nunca se regressa. E sabendo-o a estética pessoana, como na realidade o «sabe», logo os aspectos e as posições em causa progridem a unir-se irreversivelmente sob o mesmo domínio estrutural, e portanto ao abrigo do mesmo e consecutivo encadeamento sociológico da arte.



JORNAL DE
LETRAS
26/11/1985



Depoimentos

Os poetas escolhem o poeta

Eles e ele. Em 1985, palavras que cruzam com palavras. Goste-se ou não, Pessoa é uma presença constante na escrita e no imaginário português do século que corre.

Jorge de Sousa Braga

Há alguns anos atrás (deveria ter doze ou treze anos) abri por curiosidade uma edição em papel de bíblia da obra completa de Fernando Pessoa que o acaso colocara nas minhas mãos. Desde aí, fiquei apaixonado pelo «Soneto Já Antigo».

Só mais tarde voltei à poesia de Fernando Pessoa e a minha paixão pelo seu heterônimo Álvaro de Campos não tem parado de crescer. Esse soneto (que é dos poucos poemas que sei de cor) foi resistindo às sucessivas leituras e eu fui-me identificando cada vez mais com aquele rapazito de York e entretenendo-me a imaginar os seus encontros fortuitos com esse engenheiro naval que tudo o que sabia era construir grandes transatlânticos de papel.

António Ramos Rosa

Penso que o primeiro verso que li de Fernando Pessoa é um dos mais fascinantes da sua obra e de toda a poesia portuguesa: «Vem, Noite, Antiquíssima e Idêntica». Li-o numa citação de um artigo da Seara Nova há mais de quarenta anos. Sonhei vários anos o que seria o poema completo e esse sonho foi um dos mais belos que tive na minha vida. A leitura do poema completo, que viria a fazer alguns anos mais tarde, não desiludiria a minha expectativa, mas esse primeiro verso autonomizou-se e ficou sendo, pelo menos para mim, um dos mais fascinantes poemas de Fernando Pessoa.

São muitos os poemas de Fernando Pessoa que admiro apaixonadamente e não seria verdadeiro se destacasse um dos seus poemas como o que mais me impressionou. Citarei, portanto, alguns dos seus poemas que mais me apaixonam.

Eugénio de Andrade

Tinha dezasseis anos quando ouvi a «Ode Marítima»; foi uma impressão muito grande, que ainda não esqueci. Havia ali uma histeria quase verbal que me tocou profundamente. Era o desmanchar formal de toda a poesia que até então tinha lido. Nessa altura o nosso leque de leituras de poesia, sobretudo estrangeira, era muito estreito, eu ainda não tinha lido Walt Whitman, por exemplo... Era o verso livre que entrava por mim dentro. Nessa altura justificava-se o entusiasmo, hoje não se justifica tanto... As centenas de inéditos foram diminuindo o relevo das coisas publicadas por Pessoa, porque não adiantam em nada à obra.

Manuel Alegre

«Tabacaria» foi o poema que com mais nitidez me revelou o sentido transitório de todas as coisas, incluindo a poesia e a própria língua.

Nuno Júdice

Todos os poemas de Álvaro de Campos, muito especialmente o «Soneto Já Antigo». Por um lado, sinto um fascínio pela sexualidade ambígua que ali se encontra, mas, mais do que a imagem do rapaz, mais do que o traço homossexual, impressiona-me a referência à Daisy e à Cecily, o não saber o que são ou foram essas mulheres ou raparigas. Pelo mistério, pelo triângulo amoroso, este é mais um dos enigmas de Pessoa.

Maria Teresa Horta

Não gosto da poesia de Fernando Pessoa. Nunca gostei. E cada vez gosto menos.

Portanto é-me difícil escolher um poema determinado de que goste menos (ou mais...) dentro de uma obra que poderei mesmo dizer que detesto igualmente: pela sua misogénia, pela sua esterilidade, pela sua aridez.

Sem corpo.

Uma poesia sem corpo sexuado. Sem qualquer chama.

Paixão.

Uma paixão sem vertigem nera loucura.

Não estou a dizer que Fernando Pessoa não tenha talento. Sem dúvida que ele é um poeta-manga-de-alpaca com talento. Mas é exactamente isso que eu mais abomino nele: esse talento mesquinho e «desarborizado».

Além do mais, moralista.

De um conservadorismo, de um reaccionarismo que recuso.

David Mourão-Ferreira

O poema de Fernando Pessoa que desde há muito, mais entranhadamente me impressionou, é sem dúvida aquele de Álvaro de Campos que assim principia: «Se te queres matar, porque não te queres matar?» Não há, quanto a mim, entre os inúmeros textos (demasiados?) que Pessoa escreveu, outro que se mostre comparável a este em matéria de vertiginosa «abertura» sobre o nada de tudo, ou o tudo do nada, quer em termos de arrebatadora ascensão do psíquico até ao cósmico, do social ao metafísico, do quotidiano ao transcendental. Que bom seria para a existência de cada um de nós se escrupulosamente enfiássemos até aos artelhos, ao menos uma vez por dia, aquela oportuna carapaça do «O sombrio fútil chamada gente!»

Pedro Tamen

Utilizei o critério de escolher o primeiro poema que mais me impressionou: foi o oitavo poema de «O Guardador de Rebanhos». Era a primeira vez que encontrava o sagrado quotidianizante e o banal sacralizado. E, a nível formal, havia uma liberdade de mexe língua, a que não estava habituado. Era, era muito jovem, ainda não tinha do Cesário Verde...

Isabel de Sá

Encontro no poema «Tabacaria», de Álvaro de Campos, a lucidez absoluta, a consciência da inutilidade da vida e da arte. Cada ser é o seu próprio universo. Caminhar em si e nada mais encontrar do que o vazio, concluir que tudo é vago, inútil, que a vida do poeta é uma entre a multidão. Enfrentar a morte e ter vergonha de ser tão frágil.

Num quotidiano organizado, sórdido e medíocre, Fernando Pessoa, poeta genial, elevou a vida à surpresa da arte: «Quando quis tirar a máscara, / Estava pegada à cara. / Quando a tirei e me vi ao espelho, / Já tinha envelhecido.»

JORNAL DE LETRAS
26/11/1985